

M O A S I P R I A N O



Romyó



MOASIPRIANO.COM

---

# POMPÓ

Moa Sipriano



[www.moasipriano.com](http://www.moasipriano.com)

---

---

Design da Capa & Editoração  
**Moa Sipriano**

Imagem da Capa & Tipografia  
**pixabay.com**  
**dafont.com**

Todos os direitos reservados a  
**Moa Sipriano**

Site oficial & Contato  
**moasipriano.com**  
**escritor@moasipriano.com**

---

## Britney

Os carrancudos pés descalços sulcavam o carpete puído do quarto limitado.

Andando em círculos, feito um cão moto-contínuo, César estalava seguidamente as juntas dos dedos das mãos suadas e frias, enquanto investigava as rajadas de vento e água que castigavam São Paulo na última quinta-feira apagada de setembro.

Num canto da sala, a mãe de César orava para o bom Deus, na companhia de quatro irmãos de fé, proferindo em altos brados uma saraivada de palavras de lamento, pedidos de um perdão inexistente e um sem número de ladainhas repetidas à exaustão.

Entre lágrimas de uma emoção pré-fabricada, onde a histeria coletiva se transformava num instante de um gozo imaginário, todos os presentes acreditavam piamente no poder do Céu a aquecer suas vidas medíocres no aqui, agora, já.

César, sem cigarros, louco para abandonar o lar materno, queria cair nas garras de uma dezena de homens de identidades ocultas, sedento por desovar suas agruras no entrelace de corpos escorregadios. Ele rodopiava pelo quarto, rogava pragas sobre os crentes e socava com raiva indiscreta as paredes encardidas do seu submundo desfocado.

César olhava para além da janela fragmentada e seu medo infantil da chuva só aumentava. Odiava se molhar. Odiava ser impedido por um simples capricho da Natureza, que não o permitia ganhar as ruas da Grande Cidade naquele instante para se embrenhar em múltiplos becos escuros, à procura do seu prazer vadio.

\* \* \*

A chuvarada se dissipou como por encanto. No princípio de uma noite destoadada, o fio prateado de uma lua difusa despontava por trás de algumas nuvens espessas. Os irmãos de fé, agora na cozinha, bebericavam o café ralo depositado no fundo de copos descascados que um dia abrigaram um requeijão genérico. Sorrisos forçados e “a paz do Senhor” simulavam cordialidade no final de mais uma reunião purificadora. Irmã Hernandez, como era conhecida a mãe de César junto aos pares evangélicos, despediu-se do grupo de amigos com abraços e sorrisos agradecidos.

Todos se programaram para um novo encontro divino na próxima quinta-feira, agora na casa do irmão Clarêncio.

“Onde essa velha louca vai parar? Numa rua sem saída bem pra lá do cu de São Judas do Pau Impotente?”, praguejou César, rosto fincado no vão da porta entreaberta, gotejando em ansiedades, querendo abandonar seu calabouço.

Ouvindo o bate-bate nas paredes, acostumada com os ataques paranoicos do filho, Dona Hernandez fechou calmamente a porta da sala e seguiu indiferente para a cozinha, disposta a pôr em ordem a louça suja que se acumulara do almoço solitário e também do café compartilhado com suas visitas tão necessárias.

Cantarolando “Peregrinando por sobre os montes”, uma abatida Hernandez tentava abafar os ruídos amorfos que rangiam nas paredes que dividiam o sagrado do profano, entoando em plenos pulmões o seu adorado hino de louvor.

As mãos ensaboadas tiravam com vagar a gordura dos pratos. Enxaguando os últimos cristais-cica, a pacata dona de casa foi surpreendida pela presença do filho extravagante, que montado em trajes de caça, pairava feito um zumbi anorético bem atrás da aveludada idosa de corpo compacto.

“Se vai sair, leve um guarda-chuva”, disse Dona Hernandez com sua voz desgastada, ajeitando copos e pratos no corredor de plástico sobre a pia.

“Pra onde eu vou... não preciso de nenhum guarda-merda”, resmungou César, submisso e arrogante, esperando a mãe lhe repassar alguns trocos para o ônibus e cigarros.

“Por favor, meu filho, não volte tarde da noite. Se não chover novamente, daqui a pouco quero ir ao Templo. A fechadura da porta da sala está com aquele problema... de novo. Basta um empurrão e qualquer um pode entrar em casa e fazer a festa. Então, se você puder volt...”

“Porra, mãe, que merda!”, esbravejou César, alucinado, cortando as orientações maternas.

“Mande arrumar logo essa bosta e ponto final”, continuou, enquanto abria sem permissão a bolsa de moedas da mãe que jazia sobre o armário da cozinha, caçando em seu interior esburacado uma nota amarfanhada de cinco e outra de dois.

“Quer saber”, disse Dona Hernandez, exasperada, num grito lamurioso.

“Por Deus do céu que me ilumina cá embaixo... eu estou cansada dos seus insultos. Estou cansada de sustentar marmanjo. Estou cansada de ser

tratada como lixo pelo meu único filho. Estou farta de...”

“A senhora tá cansadinha, é?”, protestou César, aos berros. “Para mim a senhora sempre está esgotada, não é mesmo? Mas para a porra do seu Deus e do seu maldito Templo... ah, claro, a senhora sempre tem tempo e disposição de sobra, não é verdade?”, vociferou o rapaz, agarrando os pulsos de uma indefesa mãe embasbacada com a audácia do filho.

“Pelo menos na companhia do meu Deus e junto dos meus irmãos eu sou amada, eu tenho algum valor!”, retorquiu em prantos a abalada senhora que ainda encontrara forças para peitar o filho ingrato, livrando-se das suas amarras.

“A senhora é uma puta de Cristo! Uma messalina de Deus. A senhora ri, canta, reza pra caralho, toda feliz, toda fogosa junto dessa cambada de filhos da puta que não tem nada pra fazer na vida, a não ser encher o saco na casa dos outros, seja de dia ou de noite... que porra... eu não aguento mais!”

“Meus irmãos não têm nada pra fazer na vida?”, gritou, fora de controle, Dona Hernandes.

“Ora essa, olha só quem fala. Um sujo falando asneiras de um maltrapilho. Você é patético, meu filho. É tão vazio e sem luz. Tenho certeza de que... fora eu, ninguém no mundo seria capaz de aguentar um único minuto ao seu lado.”

“Eu vou pra rua, velha burra. Porque na rua eu tenho amigos. Eu tenho Caralhos que me amam, me querem... machos que precisam de mim”, esbravejou César, ignorando a mãe num escanteio, enquanto enxugava as lágrimas da insanidade que escorriam pelas suas faces negras, afogueadas, distantes.

Dona Hernandes, recomposta, tratou logo de pegar a velha bíblia que repousava em lugar de destaque na sala, ao lado da antiga Phillips de vinte e seis polegadas, uma relíquia de família que ainda dava no couro, em plena era digital.

Ela abriu aleatoriamente o livro de palavras convenientes, caindo numa passagem supostamente escrita por um apóstolo. Inspirada pela Palavra, a senhora começou a gritar:

“O Espírito do Mal quer dominar seu corpo, meu filho. Mas o Sangue de Cristo pode acabar com essa chaga que teima em queimar sua alma. Vem, meu filho, vem orar com sua mãe. Vem aceitar Jesus como seu único Salvador. E Ele vai te libertar do Mal. Glória a Deus. Aleluia. Vem meu filho...”, implorava Dona Hernandes, já em transe devido aos lamentos históricos por uma redenção zerodivina.

“É uma bela pica que vai me libertar de todo mal, velha maluca. Quero chupar e sentar numa linda P-I-C-A. Numa porção delas. Rígidas. Babantes. Fodendo meu rabo a madrugada inteira. Sem papel de bala. É isso o que eu quero. É o que vou fazer A-GO-RA! O alicerce do meu paraíso é sustentado por belos cacetes, sua demente.”

César espancou a porta da sala contra o vazio. O estrondo afugentou um inusitado casal de bem-te-vis que namorava sossegadamente num dos galhos do soberbo pé de jabuticaba que era o centro das atenções do quintal da família Ferreira.

\* \* \*

Após um ônibus e um metrô, já perambulando sob o Minhocão nas imediações de Santa Cecília, César aprumava seus sentidos, pronto para caçar a primeira das muitas vítimas que açoitariam seu corpo esquálido, entre metidas e chupadas e orgias noite adentro, na clandestinidade dos inúmeros becos e valas e vãos da desproporcional “cidadilusão”.

A festa estava só começando.

\* \* \*

Às três da manhã, corajosamente voltando a pé para casa, César ainda encontrou força e disposição para chupar, em plena praça pública, um grupo de quatro rapazes bêbados que vagavam no seu bairro que dormia um sono solto.

César havia sido passivo com três mendigos debaixo do famoso viaduto central e logo em seguida, ativo com duas bambees americanas que acharam o máximo poder chupar e rebolar seus traseiros para um negão brasileiro no banco de trás de um táxi clandestino. Robério, o taxista – um velho conhecido de César –, ria e se esbaldava ao contar as notas de cinquenta usurpadas dos estrangeiros sem noção do valor do câmbio. Ao mesmo tempo, se deliciava numa descompassada punheta, enquanto presenciava três endemoniados numa louca fodaria guarnecida de chupadas homéricas no interior do Santana imundo. Total da empreitada: nove machos em menos de sete horas de caça.

Ainda distante do recorde de maio: vinte e dois... em treze horas!

Sempre após a festa do sexo, César mudava completamente de personalidade, tornando-se um rapaz carinhoso, de fala mansa, onde seus modos delicados em nada lembravam o monstro que costumava ser quando não conseguia trepar com um macho num dia ou ficar sem cigarros por mais de treze minutos.

Durante o banho alongado, enquanto as águas fumegantes cuspidas por um Lorenzetti enferrujado e a espuma abundante de um Vinólia em estado de miséria retiravam a decadência da união entre músculos descartáveis, uma dor aflitiva atingiu o centro daquele peito liso e sem atrativos, turvando-lhe os sentidos, obrigando-o a sentar-se no ladrilho morno, deitando-se em seguida, em prantos secos, numa posição fetal.

César chorava na periferia da lógica. Convulsões emanavam do seu espírito afrontado. Algo estava errado. Muito errado!

Dona Depressão chegara cedo demais naquela primavera virtual. As malas abertas da vagabunda pairavam sobre a cama.

Ainda em pranto inaudível, como segurando o coração despedaçado, César conseguiu sair do banheiro, arrastando-se até a beira da cama de solteiro.

Apalpando sua toalha felpuda, buscando proteção no aconchego do tecido macio com cheiro de mãe, o jovem retirava com dificuldade a água de um corpo que não parava de vibrar em violências.

Lágrimas do desespero insistiam em encharcar seu rosto quase sem vida. Algo estava realmente dando errado.

“Dezenove... e já um enfarte? Não pode ser”, alucinou o rapaz.

César precisava de um porto seguro. Encontrou um cigarro. Simulou um adeus.

A voz saía em vapores, engolindo os sons audíveis. O coice no peito se transformara num formigamento incômodo.

Num ato mecânico, ele ligou a televisão. Parou num canal aleatório, após zapear alucinadamente por todos os canais abertos que ainda projetavam alguma programação.

De repente, um trinado cativou sua atenção.

Britney surgiu por encanto. A banheira. O corte na cabeça. O adeus.

Sim, aquele era um sinal.

Desviando o olhar da tevê, o filme íntimo das idiotices de uma existência ignóbil rodopiava diante das suas retinas trincadas.



Brigar com a mãe, trepar sem amor, três anos sem um emprego fixo, sem dinheiro para viajar ou mesmo para voltar a engolir o maldito mentolado de seis reais.

Paraguai, Paraguai, agora só o que restava era sorver os horríveis bastões do contrabando. Financiados pela mamãe.

Britney, não se vá. Banheira. Corte. Cabala. Aquele era o sinal.

Não havia banheira, mas uma pia com água quente vinda do chuveirinho simulava com perfeição a mística do videoclipe.

“Vou embora. Vou partir. Pia. Corte. Adeus. Ninguém vai sentir minha falta mesmo...”, murmurou César, entre lágrimas, tapas e beijos nos pulsos que seriam dilacerados.

Antes do ato final, que tal uma bebida? Sim, uma bebida seria o máximo!

Mas não havia nada com teor alcoólico na casa de evangélicos.

Não oficialmente. Não naquela casa.

As dores voltaram a trucidar seu peito frágil. Indiferente, robotizado, nu, calçando apenas apertadas e gastas pantufas do Pateta, César adentrou a cozinha na penumbra.

Procura. Abre portas. Nenhum resultado. Armários vazios repletos de alumínio abalroados. Não bata as panelas. Mamãe está roncando, seu idiota.

Mais uma enxurrada de lágrimas. Desconforto e formigamento e fisgadas.

Desistir? Jamais. Olhe ao seu redor. Pare de pisar na orelha do Pateta, seu estúpido. Debaixo da pia. Sim, é aqui: debaixo da pia. A salvação. Um litro intacto de álcool. Vamos adocicar essa bebida. Cadê o açúcar. Limão... limão também é bom. Açúcar, limão e álcool de limpeza. Perfeito. Voltemos para o quarto.

Lágrimas cítricas. Novas pontadas riscam os mamilos. Caipirinha corrosiva. Direta do Inferno. Dez goles sofridos. A garganta rangendo, ferida, protestava. Tudo enevoado à sua volta. César no banheiro. Pia. Corte. Adeus. Foi fácil. Giléti no pulso número um mergulhado na água morna. Nenhuma dor.

Mas, espere! Ele não pode ver sangue. Bicha burra. Quase desmaiou viadescamente antes do próximo corte. Respire fundo.

Zipt! Feito o segundo talho. Mais sangue. Pia vermelha de sangue. Britney é fantasia medíocre. Ela é medíocre. Aquilo era real. Tudo ficando escuro. Pia rubra. Pele negra. Olhe para a luz, Ana Carolina!

Vou desmaiar. César não pensava mais por si só.

“Vou desmaiar” foram suas últimas palavras. Outro videoclipe no quarto. Na parede. Na tevê. Eu só quero saber em qual rua minha vida vai encostar... Olhe para a luz, Ana Carolina. Fim de tudo. Um sono profundo. Não havia luz no fim do túnel.

O céu existe? Cadê a porra do Senhor?

César Ferreira estava morto.

## Cher

“Tic-tac. Tic-tac. Hora de acordar, Naomieeee. O desfile já vai começar!”, cantarolou Pompó na nuca enregelada de César que, ainda sonolento, tiritava de um frio imaginário.

Arregalando os olhos devido ao susto diante da luminosa presença, César deu um pulo no automático, encostando o corpo amassado e dolorido, sem controle dos movimentos, numa parede de pedra que explodia um ranço esverdeado, assustador, inclassificável.

Ao tentar tapar o rosto para se esconder da luz proveniente de Pompó, César percebeu que não possuía mais as duas mãos. Em seus lugares haviam dois tocos enegrecidos, cobertos por uma grossa camada de sangue calcificado.

Um grito gutural e afetado. Confusão mental.

“Onde eu estou?” e “Quem é você?”.

Perguntas universais disparadas pelos ignorantes de plantão.

“Calma, Naomie. Muita calma nesse instante”, abrandou Pompó, expondo seu sorriso mais cativante.

Pousando o corpo disforme do jovem suicida entre seus braços alvos, repletos de pelos acobreados, Pompó acalmava César, cantando-lhe placidamente rente ao ouvido esquerdo um velho sucesso dos Carpenters.

“Por favor, pelo amor de Deus. O que aconteceu comigo? Cadê minhas mãos? O que é você? Onde é esse lugar? Por que não consigo ver nada ao meu redor, exceto você?”

“Perguntas demais. Ai, ai, ai... você já sabe todas as respostas, meu caro César”, suspirou Pompó, interrompendo a canção dos anos setenta.

“Ô caralho. Não me chame de ‘César’. Meu nome é Cezâne, com ênfase no ‘â’. Ce-ZÂ-ne, sacou?”, gritou César, recuperando a típica civilidade terrena.

“Ai meu Santo Antão do Pênis Torto... eu mereço ouvir uma coisa dessas? Tá lôca, Naomie!”, ironizou Pompó, soltando o corpo magérrimo do protegido sobre a aspereza de um chão asqueroso, rodopiando em seguida sua própria luz um pouco acima do solo musgoso.

“Senhor, Pai Eterno. Eu morri. Eu morri, não é verdade? Como você faz para levitar desse jeito? E de onde vem essa luz meio azulada, meio esverdeada? Onde eu estava antes? Ah... sim, no quarto. Dor no peito. Britney.

Banheira. Um cigarro. Caipirinha de álcool. Lâmina de barbear. Um adeus. Ahhhh... meu Deus... eu realmente morri!”, desfaleceu César num sploft caricato, em prantos comoventes, rastejando pelo chão encharcado que cheirava algo parecido com uma mistura homogênea de baunilha, canela e azeitonas caramelizadas.

“E aí... você gostou do meu manto? Parece fibra óptica, não é mesmo? É a última moda entre os Anjos de Guarda. Não é o máximo? Acredite, leva um tempão pra acertar as vibrações e ajeitar a cor e o brilho a contento, mas... olhe só... não é um luuuxxooo?”, bradou Pompó, radiante, ignorando os comentários histriônicos de César, novamente rodopiando seus traços harmoniosos a poucos centímetros acima da podridão.

“Você é o meu Anjo de Guarda? Eu tenho um anjo... gay?”, questionou César – agora Cezâne –, coçando as pálpebras com o resto de toco do braço esquerdo.

“Sim, Naomie, você tem um anjo gay. E bota gaayyy nisso!”, confirmou Pompó, cruzando as pernas em posição de lótus.

“Te acompanho desde o dia em que você nasceu. Bem, isto é... na verdade, como protetor oficial sigo seus passos desde o dia em que você teve a primeira aventura roça-roça com aquele rapagote de Tatuí... tá lembrado?”

“Pronto, agora você me deu um nó legal. A gente pode trocar de anjo a qualquer momento? Afinal, o que são ‘anjos de guarda’? E como você sabe do lance com meu primo em Tatuí? A gente tinha só sete, oito anos, porra!”, desafiou Cezâne com arrogância ao encarar Pompó, sem deixar de piscar diversas vezes, tentando se acostumar com o negrume que invadia sua visão periférica.

Inspirando o ar carregado daquele ambiente sem luz, sem sons, sem nada, Pompó encostou os joelhos junto ao peito fabuloso, cruzando os braços sobre os mesmos, encarando com ar infantil e tedioso o semblante apatetado de Cezâne, que não conseguia parar de sacudir as retinas um só instante.

“Anjos de guarda nada mais são do que espíritos de pessoas que já deixaram o plano terreno; adquiriram um pouco mais de conhecimento e prepararam no Plano Espiritual e voltaram de livre e espontânea vontade para a Terra a fim de cuidar de uma pessoa a qual sintam afinidades. Pode ser um tio, irmão, avó, vizinho ou até mesmo alguém que conviveu com você numa oooouuutra existência. Simples, né!”

“Pérai, cacete. Não me venha com esse papo de espiritismo barato. Eu

não acredito em porra nenhuma do que você tá me dizendo. Pode pará!”

“Naomie, darlingui, aprenda que toda pergunta tem uma resposta única. Então, já que você me bombardeou com questões que afligem a sua pessoa e metade do universo terreno, cá estou cumprindo meu papel e simplesmente tento retirar as dúvidas da sua cachola desmiolada... entendeu? Tá difícil ou quer que eu rabisque? Sei fazer desenhos incríveis com a ponta do meu dedo indicador esquerdo... porque o direito... só serve para... tirar caquinha do nariz.”

Cezâne continuava a piscar sem domínios. Esticava o pescoço de um lado para o outro, movimentando a cabeça obscura num rodopio anti-horário.

Após treze segundos, esgotado, Cezâne detonou a postura arrogante, dando-se uma chance de reaprender o Novo.

“O.K. Quer dizer então que você foi meu anjo e que passou a vida toda do meu lado. Certo? Então por que você me deixou morrer na noite passada? Por que você não fez nada para impedir a minha...sei lá... passagem?”

“Noite passada foi ótimo, Naomie”, ironizou Pompó, enquanto alisava as sobrancelhas.

“Mais uma resposta simples, minha fofa: Eu acompanhei toda a trajetória da sua última existência. Sofri com você, me diverti com você, até me excitei algumas vezes nas raríssimas ocasiões em que você conseguiu fazer amor com um homem decente. Huumm, vejamos... o Augusto, o Fausto; teve também aquele músico sertanejo... o ‘L’... bom, deixa pra lá... foram poucos, não é mesmo?”

“Tudo o que eu podia fazer para evitar que você não entrasse em roubadas, sussurrei alternativas no seu ouvido direito. Digamos que fui sua ‘consciência’, seu Grilo Falante... huumm, nesse caso, acho que na maioria das vezes eu me comportava mais como uma Hiena Histórica, rindo e berrando em surround para que você não concluísse determinadas cagadas. Mas... continuemos...”

“Nós, os Espíritos Protetores – ai qui tuuudoooo! –, adquirimos a permissão de cuidar e orientar, seja através de influências positivas ‘soprando’ um bom pensamento, seja nas horas de repouso e de sonhos, onde escolhemos maneiras variáveis para repassar o Conhecimento do jeito mais sutil e tranquilo possível. Enfim, saiba que não podemos tomar nenhuma decisão que vá contra seus próprios princípios, desejos e convicções.”

“Tá certo. Você tá querendo dizer da porra do Livre Arbítrio, não é mesmo?”

“Naomie, Naomie, para uma tópi-modelo, a senhora até que é bem esperta. Dããã!”

“Por que você me chama de Naomie? Eu nem gosto dela?”

“Liga não... é que você tem a mesma personalidade tripolar daquela tadinha. Ai, ai, ai... tão rica, tão linda, tão desejada... e tão carente... tão sozinha. A Carência é o segundo mal do milênio.”

“E qual é o primeiro?”

“O Egoísmo. Mas, continuemos...”, pigarreou Pompó, coçando a ponta do nariz adunco.

“Você é exatamente o que você faz para si mesmo. Confuso? Siga a bolinha. Partindo do princípio básico da lei imutável da Causa e Efeito – tudo o que você faz retorna para você mesmo –, todos os acontecimentos que permeiam sua vida têm uma razão óbvia de ser. Afinal, viver é tão simples, tão fácil! Mas somos doutorados em Sofrimento Desnecessário. Somos viciados em sofrer.”

“Esse papo paulocoelhístico tá me cansando. Já li e ouvi todas essas baboseiras. Você é óbvio demais!”

Pondo-se de pé, Pompó sacudiu o manto translúcido que cobria sua natureza. Olhou com ternura o que restava de Cezâne colado ao chão, respondendo:

“Você tem razão. As coisas são tão evidentes... tão óbvias... como você diz... mas, reflita comigo: se tudo é tão palpável, tão ‘na nossa cara’, por que insistimos em permanecer nas trevas do sofrimento? Por que não somos apenas sinceros com a gente mesmo? Por que há tantas diferenças entre as pessoas, se o princípio de tudo é um só?”

Pompó segurou com delicadeza os tocos de Cezâne. Num bailado sutil, ambos pairavam bem acima do solo, e como leves tecidos da mais pura seda, eram levados pelo ar na direção de um mortiço ponto lazurita ao Sul, que ia ganhando proporções inclassificáveis ao se aproximarem numa velocidade além da compreensão de um Cezâne embasbacado.

Ana Carolina... olhe para a luz!

“Pronto. Chegamos!”, revelou Pompó, enquanto pousava o corpo assustado e chacoalhante de um Cezâne tosco numa rocha dona de uma textura muito agradável ao toque, de tez alaranjada, repleta de grânulos incandescentes que lembravam os vaga-lumes tão admirados na infância.

“A prova viva de que existe algo depois da vida terrena está diante dos seus olhos, Cezâne”, disse Pompó, abrindo um sorriso terno.

“Eu estou aqui. Você está aqui. Acabamos de voitar com nossos corpos etéreos durante um limite de tempo irreal para os seus conceitos imprecisos.”

Cezâne permaneceu em silêncio, tentando adivinhar a origem da luz violeta que agora banhava a rocha onde ambos estavam sentados. Um nascer do sol surrealista tomava conta da mente alucinada de Cezâne, que lutava para compreender os conhecimentos repassados pelo seu amigo de guarda e anfitrião fanfarrão.

Cezâne tentava aceitar sua condição de desencarnado:

“Só me diz uma coisa: eu tô no Céu ou no Inferno?”

“Sinto quebrar o seu tesão, mas saiba que o Inferno não existe. Isso é apenas uma alucinação... humana. Já o Céu... bem... não pense que é um lugar de lindos campos verdejantes, onde homens de terninho Armani, mulheres de vestidinho básico abaixo do joelho, além de crianças branquinhas e coradas e seus respectivos bichinhos de estimação com *pedigree* perambulam sorridentes de cá pra lá, sem nada para fazer, só comendo pera-fidalga e ouvindo Chopin.

“Digamos que o Céu é um grande galpão que abriga trabalhadores incansáveis, onde o corre-corre de Espíritos de Luz procura manter em ordem o seu universo. Tudo é muito bem organizado e limpo. Tipo assim... igual aos boxes de Fórmula Um, com aqueles carrões modernerrerrrimos cuidados com afinco por aqueles mecânicos fofefeferrrimos e gostoseserrrimos que a gente acompanhava aos domingos pela tevê. Humm, a gente vírgula... sempre que podia, enquanto você dormia na metade da prova e se recuperava das suas noitadas minhocômicas, eu dava uma escapadela para apreciar as obras daqueles homens ao vivo e em cores... e posso lhe garantir que havia cada Obra de Arte, meu amor!”

“Jesus, me ascende! Será que todo Ser de Luz é assim... tão bambee... como você?”

“Minha princesa das passarelas cecilianas, você e oitenta por cento da população mundial ficariam perplexos se soubessem quantos ‘bees’ tomam conta da cambada terrena.”

“Então... uma pergunta que não quer calar: a gente nasce gay?”

Pompó tapou a boca por alguns instantes, fazendo vogue-pose. Seu rosto ganhava formas bonachonas. Após alguns segundos teatrais, sem mais aguentar, uma gargalhada isenta de barreiras perfurou o vazio do arroxeador laranja infinito.

“Ser gay, cezane-com-ênfase-no-ê, é e sempre será uma escolha. É você a decidir sua sexualidade quando reencarna. Aliás, gay, hétero, bi, tri, pentassexual nada mais é do que uma denominação tosca para definir lá embaixo com quem você trocará prazeres e dores revertidos em conhecimentos. Simples assim!”

“Eu não acredito nessa baboseira. Eu não escolhi ser gay. Eu virei gay quando era adolescente!”, bramiu Cezâne, atirando aleatoriamente os cotocos no ar.

“Ninguém ‘vira’ nada, César Cezâne. O máximo que pode acontecer é você se descobrir homossexual num determinado período tardio da sua existência. Você foi para a cama com homens, se apaixonou por eles, chegou até a trepar com meia-são-paulo por uma simples opção sua! Nada foi imposto a você. Lei de Causa e Efeito, lembra?”

“E o que a porra dessa lei tem a ver comigo... de eu ser viado ou não? Por que gosto de dar a bunda pra tudo quanto é cacete que bimbola na minha frente... ou gostava, sei lá?”, implorou Cezâne, necessitado de uma resposta convincente.

“Meu lindinho... você não precisa me lembrar o óbvio... eu estava lá, esqueceu?”, disse Pompó, engolindo um sorriso sarcástico.

“Vou tentar ser beeeem didático. Lá vai: O Amor, definitivamente, não tem sexo. Não importa se a pessoa escolhida para compartilhar a sua intimidade tem peepo ou xerequinha!

“Quando fazemos amor com a pessoa certa no momento ideal, resgatamos o estado de pureza a que fomos moldados ao nascer... lááá atrás. É durante nossas andanças pela vida, nos capítulos da nossa história que são divididos em existências, que cruzamos com um número maluco de seres de todos os tipos. Por alguns sentimos e dividimos afinidades; por outros, nossas emoções e desejos simplesmente não são compatíveis, daí a indiferença que deveria ser sem rancor. Ao nos depararmos com nossas Almas Companheiras, isto é, com as pessoas que realmente sentimos desejo de compartilhar ou resgatar nossas experiências de vida, é



supernatural haver o envolvimento físico dos corpos que culmina na alquimia do amor completo.

“Então, simplificando de um jeito beeemm fácil, é mais ou menos assim: numa determinada existência você vem de Alice, que conhece João e juntos vivem um tempão felizes para sempre. Daí, por causa da lei de Causa e Efeito, o Destino bate à sua porta, e a querida Alice – você – deu de cara com Ricardo, o leiteiro do Condado. Vaquinha como a senhora acabou se descobrindo, cega de paixão, foi logo liberando suas tetas para a maestria dos toques mágicos e dos lábios carnudos do leiteiro-loirão-garanhão. Lembre-se que se entregar para essa aventura foi uma decisão sua!

“Um belo dia, João pega o leiteiro com a boca nas intimidades de sua propriedade. Um medonho quiproquó se instala. É falta de pau. É excesso de pedras. É o fim do caminho. A senhora Alice é abandonada pelos dois bofes. Ela morre de tristeza, sozinha, difamada e depressiva, tadinha. E fim do primeiro ato.”

Pompó permaneceu microssegundos como que a ouvir ordens superiores, mantendo o olhar fixo para um ponto imaginário na direção do Norte. Um sorriso ladino e enigmático foi presenteado a Cezâne, que permanecia estático, ruminando a conclusão dos fatos.

“Abrimos o segundo ato com a senhora Alice – você – que na nova existência passa a ser Lourenço. Caminhando pelas ruas de uma linda cidade litorânea, o jovem Lourenço dá de cara com Albertina, uma ferosa donzela imaculada, tímida, pura e ingênua. Albertina, na verdade, é João reencarnado. Lembra daquela bruta decepção que você causou ao seu marido na existência anterior? Pois bem, Lourenço fica loucamente apaixonado por Albertina. Porém, ela – mesmo apaixonada por você – o despreza na cara dura e não quer saber de diálogo ou demais aproximações. Os protagonistas passam o resto do filme sem se ver novamente, onde o tosco do Lourenço vai levar anos para compreender os motivos pelos quais não foi aceito e amado por Albertina. Fim do segundo ato... de corações partidos.”

“Puxa, acho que estou começando a compreender aonde você quer chegar. Mas, por favor, continue!”, pediu um humilde Cezâne, maravilhado com a obviedade do resultado final da explanação.

“Obrigado, meu pupilo tripolar. Vamos aproveitar que o senhor está se comportando bunitinho e finalizar essa questão do ‘ser ou não ser’”, debochou Pompó.

“No terceiro e último ato, Lourenço, que já foi Alice, volta ao palco, agora como José Dirceu, um homem que viveu uma existência estressante entre Poder e Glórias nas intrínsecas armadilhas das tramas advocatícias. Numa bela tarde de inverno, José Dirceu leva o seu carrão para uma completa revisão e acaba conhecendo Luiz Inácio, um mecânico que sabe tudo de Landau mil novecentos e bolinha. Luiz Inácio era o João lá do primeiro episódio da série, tá lembrado? Pois é, nessa existência o amor represado entre Alice-Lourenço-José Dirceu é triunfalmente liberto com uma simples troca de olhares com João-Albertina-Luiz Inácio. Enfim, ambos superam os preconceitos e desafios, e juntos redescobrem a chance de acertar os ponteiros.

“Tá... vocês são pintudos e estão apaixonados e querem ficar juntos e daí? Não importa o sexo anatômico, meu caro. O que importa é que o amor entre vocês que ficou estagnado, amordaçado por quase três existências, aflorou aqui e agora. Pinto com pinto. Buça com buça... é tudo mero detalhe terreno. O cheiro, o toque, o carinho, a união, o beijo, o gozo entre seres que realmente se amam... é isso o que vale no final da história. Diálogo sem rodeios e Companheirismo sem desconfiança: está aqui o segredo do sucesso de qualquer tipo de relacionamento. Fim do terceiro ato.”

Emocionado, porém não convencido que tudo era assim, simplório demais, Cezâne matutava um milhão de questões que desejava atirar sobre Pompó, seu anjo ou encosto de guarda.

“Ai, ai, ai... já sei. Já ouvi seus pensamentos, César Cezâne”, disse Pompó, revirando os olhos. “Você vai querer me torrar a vulva inchada só pra saber o porquê existem gays depravados pipocando a torto e a direito em tudo quanto é *darkroom* perdido nesse mundão de Deus, certo?”

Enrubescido, Cezâne – que se enquadrava justamente na porção gay imperfeita da colorida sociedade hipócrita – soltou um sorriso torto, cutucando as têmporas com os pulsos sem pulso, mas que ainda pulsam.

“Lei de Causa e Efeito. Livre arbítrio. É nessa dupla de ouro que repousa a Grande Resposta para todas as dúvidas do ser humano. Óbvio. Simples. Direto e objetivo. Não há mais segredos no universo!”, disse Pompó, cantando em seguida os primeiros versos de um mantra gay: “I will survive”.

“Agora você já sabe que ser gay é uma escolha. Então, se você vem pra viver uma existência com o intuito de dar feito uma cadela no cio pra tudo

quanto é salsicha que passa na sua frente... ou se você não resiste a um rabo peludo e quer meter em tudo quanto é buraco sujo que você encontra rebolando nos banheiros públicos... valha-me Papi... É UMA ESCOLHA SUA!

“Da mesma maneira – no que se refere puramente ao lado sexual da coisa –, se você fosse uma mulher que só pensa em lambar cadetes do Exército ou um homem que não vive sem um rabo de saia no meio das pernas... é você que escolheu abraçar um círculo tremendamente vicioso. E não há nada de discurso moral no que estou repassando a você. Afinal, toda moral é relativa. E caráter não tem sexo!”

“Certo, certo, Pompó. Eu entendi. Ser ou não ser... a questão é puramente uma escolha pessoal. Então nada é imposto pela... sei lá... Providência Divina?”

“Como uma fofa mamãe que se preocupa com a educação do seu filho, a Providência só impõe algo quando o Espírito em questão ainda conserva um estado selvagem de ser”, explicou Pompó, espiralando com o dedo indicador mechas da farta cabeleira negra de Cezâne.

“Imagine, apenas imagine – hi, hi, hi – que você foi um cara muito chato, muito mala, muito neurótico em relação a uma ou a um grupo de pessoas numa determinada existência, prejudicando a vidinha delas em diversos sentidos. Daí, para recuperar-se das cagadas passadas, na existência posterior, você – por opção própria ou por uma insistente cega burrice – ignorou os mandamentos do coração e continuou a ser insuportável com essas mesmas pessoas ou pessoa, que seja. De saco na lua pela sua insistência em se manter um Capitão Caverna isento de graça, os bofes bearbarbudos lá de cima rodam o pião e te colocam literalmente para sofrer ao lado daqueles que você um dia judiou. De agora em diante, ou você aprende a viver direito, compreendendo o sofrimento alheio muitas vezes proporcionado por sua causa, ou você vai passar trocentas existências indo e vindo e cruzando com todos aqueles os quais você mantém dívidas de passagem.”

“O.K. Entendi. Quer dizer que o fato de eu sempre me ferrar em todos os relacionamentos que procurei durante a vida toda, é porque numa outra ocasião eu também fiz o sujeito ou sujeita sofrer, certo?”

“Você está pegando o espírito da coisa... sem trocadilhos... ah, ah, ah!”, riu Pompó, sabendo que a piada sem criatividade surtiria o efeito desejado em Cezâne.

“Então, quando a gente encontra um candidato disponível e desesperadamente quer transformar esse cara no ‘homem ideal’, por exemplo, isso acaba se transformando num tremendo erro. Estamos fadados a sofrer, já que não permitimos que o outro seja ele mesmo. Daí a nossa necessidade cega e cretina de se embrenhar em tudo quanto é espaço de pegação, deturpando o sentido das palavras ‘conhecer’, ‘compartilhar’ e ‘ouvir’. Permanecemos cegos, surdos e selvagens, visando apenas o prazer da carne e não a comunhão dos espíritos. Resumindo: não existem Príncipes Encantados. Somente há Sapos Decadentes que merecem um beijo dado com amor compreensivo para que possam se transformar em Parceiros Ideais de uma jornada evolutiva. Compreensão, Paciência e Companheirismo. Eis a trinca de prata para o sucesso da união de um casal!”

Pompó abraçou seu protegido. Um sorriso leste-oeste confirmou o rápido aprendizado de Cezâne.

“Huummm... que tal elaborarmos um manual prático para um suicídio bem-sucedido?”, disse Pompó, friccionando as mãos como a simular o calor humano.

“Tu tá de gozação, né meu anjo-bambee!”, retorquiu Cezâne, contrariado.

“Não senhor, meu lindinho. Estou falando sério! Você já compreendeu o motivo que o levou a tirar a própria vida?”

“Na cagada mastodôntica que eu fiz? Sim, acho que entendi. Num momento beócio carregado de desespero infundado, me entreguei aos subterfúgios de uma droga caseira para ludibriar os sentidos do meu corpo estarecido. Louco, embotado, achei que chamaria a atenção do mundo ao provocar ferimentos na minha carne fraca. Sem dosar a maluquice, apliquei uma overdose de burrice, que culminou na morte física do meu corpo lesado.

“E agora aqui estou eu, na companhia do meu anjo ‘anja’, sem as minhas duas mãos e pronto para elaborar um manual escalafobético para ensinar todos os bambees inhonhados do mundo a se matarem ao mesmo tempo, certo?”

“Nada disso, sua anta cotó. Vamos elaborar um manual com dicas contra todos os sofrimentos que bombardeiam nossa mente e ferem nossa alma. Se agirmos com disciplina e atenção, certamente nossos demônios interiores, sem mais energia para gastar dentro de nós, cometerão um haraquiri coletivo. Seguindo passos simples, em questão de pouco tempo, qualquer um encontrará a tão sonhada paz interior. E assim saberá como agir diante das

adversidades da sua própria existência, compreendendo mais a si próprio e a todos que fazem parte do seu meio.”

Confuso, cutucando ora a cabeça, ora as têmporas doloridas, Cezâne perguntou a Pompó:

“Por qual motivo faríamos um manual prático direcionado somente para o ‘nosso’ povo?”

“É simples, meu caro César Cezâne. Todo gay é um ser de luz que vem ao mundo com a única função de cobri-lo de cor, arte e alegrias. Daí a obviedade da palavra ‘gay’ cunhada através dos tempos, donde a origem ‘alegre’ condiz realmente com aquilo que escolhemos ser.

“Quando desembarcamos aqui na Terra, geralmente nossa luz permanece trancafiada durante muitos e muitos anos. É vedada a realidade da nossa escolha inicial, pois ao conviver com o Preconceito e a Discriminação, nossas armas de defesa vão se aperfeiçoando no decorrer do percurso. Ficamos mais fortes a cada batalha ganha. Ao assumirmos nossa condição homossexual – assumir-se para si mesmo sempre é o melhor caminho –, aprendemos a buscar e oferecer respeito e tolerância para aqueles que ainda não compreendem nossa liberdade de viver plenamente as delícias e dores em ser o que somos.

“Quando escolhemos descer como ‘gays’ numa determinada encarnação, não o fazemos somente para afrontarmos o que o mundo ainda classifica como imoral. Lembre-se que a Moral é relativa. O que é novo e diferente sempre amedronta. E também não ‘descemos’ na Terra ou em qualquer outro mundo só para dar em cima de tudo quanto é caralho que empina rígido diante dos nossos olhos. Afinal, ser gay não é ser uma máquina de fazer sexo. Aceitamos o fardo de ser diferentes justamente porque somos fortes e trazemos na bagagem toda a energia das vitórias – superação gera evolução – conquistadas em tempos remotos.

“É por nossa causa que o mundo é belo. É a nossa arte que abrilhanta os sete cantos do planeta. É a nossa melodia que encanta os corações apaixonados. Corações héteros, bi, trissexuais. É a nossa pintura que deixa embasbacados os visitantes de museus e igrejas do mundo inteiro. São os nossos projetos arquitetônicos que engrandecem países e regiões prósperas; e até mesmo são nossas as ideias mais criativas que auxiliam na resolução da maioria dos problemas de ordem mundial, através da arte, da política ou até

mesmo na guerra. Atrás de um grande homem sempre haverá um gay fenomenal. Dona Benta que assum... *ops...* o diga!

“Enfim, quando aceitamos o desafio, somos privilegiados. Não melhores, nem piores do que ninguém. Apenas passamos e superamos situações dúbias que muitos ainda não tiveram a chance ou não quiseram experimentar. Sabemos o que é ‘ser mulher’ e o que é ‘ser homem’ em todos os sentidos. Sabemos qual é o prazer e a angústia de realizar todos os atos possíveis no sexo e fora dele. De certa maneira, somos mais sensíveis e aptos a compreender a totalidade da essência do Homem. Ao encarnarmos, já trazemos na Vuitton a consciência da dualidade humana. Basta despertar essa consciência no momento certo. Enquanto estamos gays, somos dotados de qualidades excepcionais em todos os quesitos que demandam arte e resultados. Afinal de contas, Arte é Serviço e todo serviço benfeito é... feliz!”

Cezâne chorava, perplexo, em ruínas. O jovem havia compreendido as burradas cometidas durante uma existência vazia e sem perspectivas, onde todas as oportunidades de crescimento foram desperdiçadas.

O amor da mãe carinhosa que fora negligenciada. As incríveis composições musicais destinadas a mudar o mundo que foram esquecidas em velhos cassetes. Poesias rabiscadas em folhas perdidas dentro de uma gaveta úmida. As cartas de amor que jamais foram enviadas ao Fausto – a grande paixão de sua vida! –, que certamente ainda hoje estaria chocado com a notícia de uma morte tão idiota.

O que mais magoava Cezâne era o fato de ele mesmo ter sempre se negado a aceitar quem ele era. Buscava ensandecidamente companhias masculinas nos vazios da cidade para satisfazer seu corpo, e logo após a fodaria se culpava sem piedade, chicoteando sua mente com pensamentos que julgava ser pecaminosos e destrutivos.

Agora a faixa negra da ignorância havia sido retirada dos seus acastanhados olhos vítreos. Cezâne aprendera que ser gay era realmente uma bênção. Era um belo desafio em se viver a plenitude de tudo, tudo, tudo o que uma vida pode proporcionar a um ser de luz.

Ser gay era ser dono, a princípio, de uma luz encubada. Uma radiação divina que ganhava cor e vida, brilho e calor no transcorrer das batalhas enfrentadas no dia a dia.

Cezâne reconheceu que não se podia conquistar respeito e tolerância das pessoas impondo uma situação grotesca. O segredo estava em se respeitar toda e qualquer diversidade, e viver de forma plena aquilo que se havia escolhido para si mesmo, auxiliando os demais a virem para o lado positivo da Força: fazer o Bem, ser prestativo e dar sempre o melhor de si são pilares para se viver a real Felicidade.

Deitar-se na cama com um homem, com uma mulher ou com ambos jamais será a questão crucial. O que vale é unir seu corpo com outro ser nas mesmas afinidades vibratórias. E que o resultado dessa união não sirva apenas para a satisfação da carne e sim, que a energia gerada seja capaz de libertar, cada vez mais, os espíritos envolvidos.

Não há meio-termo: Sexo é a ruína ou a libertação completa do homem.

Mas então, por que homossexuais continuam a sofrer muitas vezes calados? Por que viver no enrustimento eterno e nas fugas ridículas repletas de mentiras e de trapações junto à família, ao chefe e aos amigos? Por que simplesmente não assumir o que se escolheu viver e aceitar o que deve ser encarado como nossa evolução pessoal de acordo com as nossas atitudes tomadas no passado ou agora?

Essas e outras questões ainda permeavam a fragilidade sensorial de Cezâne. Mas, no fundo, ele sabia que tudo o que lhe era revelado já fazia parte dos conhecimentos adquiridos no passado longínquo. Sempre é tempo de recomeçar.

Manual prático para um suicídio bem-sucedido. Ironia das ironias.

Cezâne havia tirado a própria vida justamente por não ter eliminado de vez os demônios interiores que insistiam em perambular entre seus pensamentos alucinados e ações descontroladas.

Sempre sabemos por que sofremos. Só não temos a coragem de sair do nosso estado cômodo e encarar na lata as questões que deveriam exigir pulso firme e respostas certas. Gozar a vida era realmente algo tão simples, tão óbvio, tão fácil, que ficava difícil entender o porquê do muitas vezes desnecessário sofrimento humano.

\* \* \*

Uma luz azul que cobria o firmamento ganhava agora nuances douradas. Era como se o Sol fosse surgir a qualquer momento.

“Se existe uma lei de Causa e Efeito, isso quer dizer que vou ter que pagar pela cagada que fiz. Certo?”

“Certo.”

“E por que eu tive a chance de obter todo esse conhecimento e todo o emaranhado do véu imundo que tapava meus olhos foram tirados assim, agora, de repente, há... sei lá... poucas horas?”

Pompó inspirou o ar que se tornava ainda mais quente e pesado. Mordiscando a base nos dedos da mão direita, que lascava a olhos vistos, respondeu pesaroso:

“Cezâne, sempre que desencarnamos, independente dos nossos atos, é permitido que passemos um tempo avaliando o que vivemos, comparando nossas experiências com as existências anteriores. É um tempo só nosso, algumas vezes compartilhado apenas com quem nos protege e carrega um conhecimento maior dos mistérios que não são mistérios, nos auxiliando na grande jornada.”

Pompó abraçou Cezâne, que soluçava sem esconder vergonhas. O jovem envolveu o corpo do seu protetor, sentindo a textura única do manto que agora cobria ambos como num passe de mágica circense.

“Você está dormindo faz... deixe-me fazer a conversão... nove meses terrenos. E daqui você vai para um lugar isolado, onde passará por uma autoavaliação espiritual, até que você redescubra todas as respostas das questões já resolvidas e esteja apto a galgar mais um degrau da sua próxima experiência de vida, mais adiante.”

Cezâne tentava definir em sua mente areada o agora tom exato do amarelo que cobria o novo mundo ao seu redor. Recobrando suas faculdades, perguntou a Pompó:

“Certa vez ouvi alguém falar sobre um ‘Vale dos Suicidas’. Um lugar para onde vão todos aqueles que cometem um ato descabido como o meu. Sinto medo. Terei que passar por mais essa provação?”

Pompó trouxe as lágrimas de Cezâne para mais junto dos seus braços fortes. Sussurrando em seu ouvido direito, deu a resposta com ternura fraternal:

“Sim. Podemos dizer que há realmente o tal Vale. Mas as fantasias de



fogo e enxofre e ranger de dentes são apenas lendas medievais. Como geralmente chegamos aqui totalmente atordoados após a famosa burrice que culmina com o rompimento da nossa existência carnal, ao atravessarmos o portal do Vale presenciamos cenas de grande impacto visual. Cenas de horror mesmo. Mas não são muito diferentes das que a televisão e a Internet despejam nas nossas retinas todos os dias. Só se vive o medo enquanto não se decifra a lógica do acontecimento.”

“Você foi um tanto vago ou protetor demais, mas acho que consegui captar o âmago da questão”, disse Cezâne, abatido. “Então quer dizer que você não vai mais me acompanhar daqui em diante, não é mesmo?”

Pompó beijou a fronte do seu protegido, trazendo-o ainda mais para junto de si, num gesto de proteção e carinhos que acalmou seu garoto. O doce perfume aveludado da alfazema se fez sentir no ar liquefeito.

“Eu não serei presente na sua passagem de recuperação, Naomie Cezâne, meu lindo. Mas saiba que eu, seu pai, sua avó e mais uma porção de gente que te ama vibrará para que suas provações sejam breves e definitivas, tornando você um ser muito mais evoluído e compreensivo dos seus próprios atos.”

Pompó beijou Cezâne delicadamente em cada face.

“Tudo carrega o tempo exato. Nunca caminhamos para trás... andamos somente para frente e para o alto, subindo degrau por degrau. Não se desespere jamais. Sempre há um belo dia a compensar a fadiga do outro.”

“Creeddooo. Que *slogan* de bunda de caminhão! Senti-me num episódio de Carga Pesada – ha, ha, ha!”, riu Cezâne, aparvalhado, compreendendo o sentido oculto de uma frase tão batida, porém raramente compreendida.

Cezâne ficou feliz e um pouco mais conformado ao saber que seu pai e sua avó, ambos desencarnados durante a tenra idade do menino maluquinho, lhe fariam companhia mesmo que à distância, torcendo e vibrando positivamente pelo pequerrucho tão amado.

“Puxa... nove meses. Minha mãe tá bem?”, perguntou Cezâne, o nó na garganta.

“Foi um choque tremendo pra ela, é claro. Mas os irmãos de fé e, por incrível que pareça, o apego cego aos dogmas da Universal sustentaram-na durante o período de luto e revolta. Hoje ela está bem. Conformada com seu destino e o destino do filho ingrato. No fundo, ela sabe que haverá o reencontro. Ela já te perdoou, meu amigo.”

Cezâne queria ver sua mãe. Queria abraçá-la, dizer-lhe o quanto a amava. Mas temia o resultado de uma aparição repentina. Pompó sentiu seus pensamentos, tranquilizando-o em seguida:

“Quando perdemos alguém que amamos, não devemos cultivar recordações doloridas, nem mesmo travar nossa existência nos meandros de uma saudade doentia e egoísta que possa impedir a continuação da nossa jornada. Tanto quem fica, quanto quem parte, mantém um laço cósmico que dificilmente é eliminado. Se sofremos na terra, o espírito amado sofre nos céus. E cada um deve seguir seu caminho, aqui ou em outro lugar. Lembrando que sempre haverá o reencontro... para o bem evolutivo de ambos... e tudo será resolvido nos seios do Diálogo!”

“O reencontro necessário para que possamos acertar todas as pendências, certo?”, respondeu Cezâne, lutando para controlar as lágrimas envergonhadas de uma saudade brutal.

“É isso mesmo. Mas permita-me terminar o que tenho que lhe dizer. Ao eliminarmos nossa existência antes do tempo, os Espíritos Protetores que tomam conta do ‘Vale’ e de outros locais de recuperação, não permitem que entremos em contato de imediato com nossos amados ainda encarnados. Essa proibição é simplesmente para preservar nossa sanidade. Só podemos realizar uma coisa – qualquer coisa! – quando estamos muito bem preparados. Você compreendeu mais essa obviedade?”

Com os tocos reluzindo pontos acrílicos nas superfícies, encantando um abatido Cezâne, ele acariciava de um jeito deslocado os pelos macios dos braços de seu anjo amigo. Concordou, balançando um sutil sinal de cabeça, com a mensagem transmitida pelo seu protetor.

“Bom, acho que as regras práticas para que todas as nossas aflições se matem em sequência está bem diante dos nossos olhos, não é verdade?”, disse Cezâne, inspirando profundamente.

“É verdade. Ao identificar um problema, uma aflição, algo desalinhado em nossa vida, basta estar atento e compreender e eliminar o mais rápido possível a causa de um efeito que pode se tornar desastroso se permanecer livre, leve e solto dentro de nós”, confirmou Pompó.

“É algo que requer disciplina e atenção. Mas, no final, é como andar de bicicleta ou passar o primeiro batom... a gente nunca esquece!”, Pompó com-

pletou a primeira parte do ensinamento óbvio, rindo com gosto, expondo um sorriso emoldurado por pérolas perfeitamente alinhadas.

Sem mais necessidade de palavras audíveis, Pompó e Cezâne se comunicavam instintivamente apenas através do olhar. Ao fundo, enaltecendo o dourado de um céu por hora não acessível, sons provenientes de algo que se assemelhava ao marulho das ondas proporcionavam o toque surreal ao encontro que chegava ao fim.

Cezâne compreendeu o imenso erro que havia cometido.

Mas o jovem ganhou uma sobrevida ao perceber o privilégio que lhe fora concedido com o encontro junto ao seu anjo amigo, onde conseguiu reaprender, em um tempo muito curto, qual o caminho a ser seguido para o extermínio completo dos seus demônios interiores.

Com as regras de ouro martelando sem parar na sua cabeça – Lei de Causa e Efeito. Livre arbítrio. – tornava-se lúcido um método eficaz para sufocar todas as nuances do sofrimento humano.

O futuro Manual Prático consistia basicamente em permanecer alerta contra os inimigos invisíveis. E retirar-lhes a energia vital através de atos e pensamentos positivos, corretos e objetivos.

Ser autêntico e sincero com nossa alma. Manter o foco. Essa era a chave capaz de abrir todas as portas corretas!

E pensar que dona Hernandez sempre o orientara para orar constantemente a fim de afastar o Demônio que ronda nossas almas.

Cezâne abominava esses conselhos, mas agora havia aprendido que o “demo”, na verdade, é apenas uma alusão ao estado de “vitimidez” a que insistimos em permanecer plugados a todo o momento. Sentimos hipócrita piedade de nós mesmos. Daí a origem da Dor.

Cezâne abriu a consciência de que deveria seguir sozinho dali em diante. Mesmo fraco e desorientado, sentia-se preparado para enfrentar as provocações espirituais que lhe seriam impostas no momento oportuno.

O olhar âmbar de Pompó e um simples piscar de olhos no instante exato, finalmente transmitiram a Cezâne a origem desse encontro e o porquê dessa união. Outra pergunta receberia sua resposta única na ausência das palavras que não precisavam ser ditas. Apenas sentidas.

Pompó, o seu atual anjo de guarda, numa certa existência fora uma mu-

lher que havia ludibriado um “César” ingênuo e totalmente imaturo, levando o garoto para o submundo do crime, onde o forcara a vender seu corpo de menino para homens que gastavam pequenas fortunas pelos prazeres de uma carne adolescente.

Ao desencarnar, arrependida de seus atos malditos, foi necessária a passagem de inúmeras existências até que o espírito liberto de “Pompó” pudesse reencontrar César.

Implorando pela oportunidade de reparação, foi permitido a Pompó tomar conta daquela criança que no futuro se transformaria no perturbado e problemático rapaz introspectivo e autodestrutivo perdido numa cidade grande.

Inconformado com a morte suicida de César, Pompó compreendeu que sua missão com o garoto não seria em vão. Foi-lhe permitido o grande encontro esclarecedor.

Sempre há uma chance de recomeçar.

O segredo (tão óbvio) para se viver plenamente uma existência feliz e produtiva, e acabar definitivamente com todas as sensações que nos levam ao colo do Sofrimento, é a eliminação do Egoísmo que turva nossa razão e aprisiona nosso bom senso.

Dê o primeiro passo. E a jornada se reinicia de uma maneira muito mais leve.

Para eliminar o cerne de todos os males, precisamos cultivar a tolerância, colocando-se indubitavelmente no lugar do próximo, avaliando os motivos que levaram o encontro a um desfecho positivo ou negativo.

Cezâne percebeu que o fato de ser gay, negro e pobre em nada o diferenciava de seus semelhantes. Descobriu que ser gay é uma opção escolhida como outra qualquer. E se sentiu altivo ao perceber que escolher “ser gay” é mais do que um privilégio: é assumir o desafio de proporcionar mais cor e alegria para um mundo tão obscuro em si mesmo.

“Lei de Causa e Efeito. Livre arbítrio. É nessa dupla de ouro que repousam as respostas para todas as dúvidas do ser humano. Óbvio. Simples. Direto e objetivo. Não há segredos no universo. Acho que o nosso manual, apesar de conter apenas essa frase em destaque, já está perfeito para ser... editado!”, disse Pompó, cantarolando novamente os primeiros versos de “*I will survive*”, em versão samba!

“Manual prático para um suicídio bem-sucedido. Esse título tem a ver

com as dicas aprendidas para se eliminar a origem da dor embutida em nós mesmos. E, na verdade, meu ato burraldício vai acabar se transformando numa fonte de inspiração para todos, bambees ou não, que a partir de agora avaliarão com muito mais lucidez as barbeiragens cometidas em seus presentes”, divagou Cezâne, pensando alto.

“Então você acha que alguém, um dia, compreenderá os meandros da nossa história?”, questionou, sorridente, o anjo sem asas, pausando a cantoria da música arco-íris, desafiando seu pupilo com um olhar inquisidor.

“Meu caro Pompó, darlingui, lembre-se de que a Verdade está dentro de você mesmo... afinal, toda pergunta tem uma resposta única e definitiva”, zombou Cezâne, beijando e abraçando seu amigo além da lenda, enquanto proferia mais um clichê que esconde o real ensinamento na oitava entrelinha.

“Ai meu Santo Ignácio do Saiote Balão... o feitiço contra a feiticeira. Parabéns, César com ênfase no ‘é’... realmente, cada um carrega dentro de si mesmo a Verdade Universal. Mas vamos deixar de lado esse papo-nas-nuvens. Venha, está na hora da despedida. Deixe-me levá-lo para um último passeio antes do seu retiro regenerador. Vem, dá-me suas mãos... ops!”

Pompó caiu na gargalhada, pairando sobre a cabeça miúda de Cezâne, que abriu os braços em busca de um abraço apertado, sorrindo sem parar, contagiado com a alegria prazerosa da liberdade total proporcionada pelo encontro premiado.

Ambos planaram por entre montanhas escuras que contrastavam violentamente com o céu que reluzia nuances azuis, laranjas e lilases, numa mistura harmoniosa de luz, texturas e cor.

\* \* \*

Tempos mais tarde, já diante do portal que separava os dois Mundos de Reparação, Pompó trocou um beijo delicado com seu protegido, onde o toque de lábios sinceros provocara em Cezâne a alquimia perfeita que se transformou em energia revitalizadora.

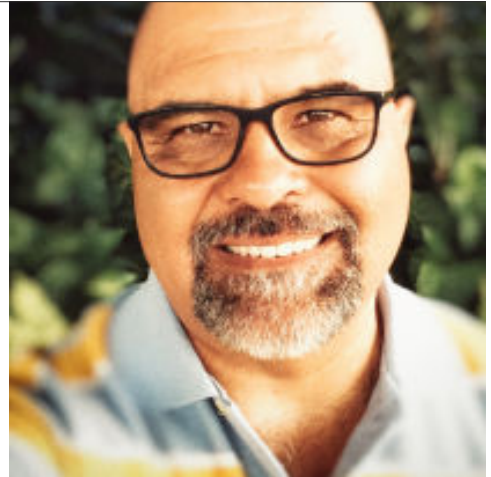
“Eu sei que nada vai ser fácil. Vá, César Naomie Cezâne. É chegada a sua hora!”, sussurrou Pompó, contrariado, tentando disfarçar uma única lágrima de uma saudade contida.

“Sim, eu compreendo. Bom, seu eu fui a causa da dor, que eu aprenda agora com a própria Dor. E eu vou... sobreviver. Mas antes, eu preciso saber só mais uma coisa...”, disse Cezâne, queixo na altura do peito, envergonhado.

“Deus é...?”, o jovem questionou baixinho, com a voz entrecortada, be-  
terraba de vergonha.

“Olha. Se Ele/Ela pode ser rotulado, eu não sei. Há tempos tenho notado um frenesi de rabiscar daqui, esculturar dali e pincelar acolá... que anda atarantando um quarto do Universo. Huummm, você já sacou, não é mesmo? Tá ouvindo o *hit*? Só Cher tem a resposta. Aliás, ELA É a Resposta! Oito composições. Tudo tão óbvio. Nossa verdadeira bíblia. Só os Iniciados Coloridos possuem o Grande Mapa!”

“Abafaaaa!”, César e Pompó ferveram em uníssono, rindo sem parar.



## Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

\* \* \*

Para conhecer todas as obras: **[moasipriano.com](http://moasipriano.com)**

E-mail: **[escritor@moasipriano.com](mailto:escritor@moasipriano.com)**

Facebook: **[facebook.com/moasipriano](https://facebook.com/moasipriano)**

Instagram: **[instagram.com/moasipriano](https://instagram.com/moasipriano)**

---